

## Estudos da CNBB – 102

**O SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO  
E A AÇÃO EVANGELIZADORA NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO**

## SUMÁRIO

### **Apresentação**

### **Introdução**

### **Capítulo I: O Discípulo Missionário no Âmbito Universitário**

- a) O discípulo missionário nasce do encontro com Jesus Cristo
- b) O discípulo missionário acolhe os questionamentos e as dúvidas
- c) O discípulo missionário se aprofunda no encontro com as fontes da fé
- d) O discípulo missionário busca o diálogo da fé com as culturas
- e) O discípulo missionário faz a experiência da oração e participa dos sacramentos
- f) O discípulo missionário vive a dimensão ecumênica e o diálogo inter-religioso
- g) O discípulo missionário dá testemunho de responsabilidade social

### **Capítulo II: Urgências e perspectivas para a ação evangelizadora no âmbito universitário**

- a) Âmbito universitário e os seus atores
- b) Fronteiras

### **Capítulo III: Pistas de ação evangelizadora no âmbito universitário**

- a) Os eixos norteadores da atividade pastoral

### **Capítulo IV: Articulação da ação evangelizadora no âmbito universitário**

- a) Os agentes da ação evangelizadora
- b) Critérios para a ação evangelizadora nos seus diferentes cenários

### **Mensagem de envio**

## INTRODUÇÃO

1. Nosso caminho na universidade, muitas vezes, assemelha-se ao dos discípulos de Emaús: repletos de dúvidas e abalados na esperança. Da mesma maneira que pensaram que o Mestre não andava mais com eles, também pensamos que as crenças e certezas que deram sentido à nossa vida não são fortes o suficiente para sobreviver em um contexto crítico. Assim como para eles foi preciso caminhar e reler as Escrituras com um estrangeiro desconhecido, para, de novo, na familiaridade de uma amizade construída, reconhecer o Messias entre eles, também nós somos chamados a fazer novamente o caminho com Jesus. A universidade é espaço desafiador da pergunta, da formação, da interpelação, da abertura ao novo, ao estrangeiro; nesse caminho podemos reencontrar, de um modo ainda mais belo e luminoso, a fé, a comunidade, a Igreja.
2. Inspiramos o encanto por Jesus Cristo na figura de Paulo, como “modelo de universitário”. A sua experiência de discipulado e missionariedade nasce do encontro com Jesus Cristo. A alegria do seu discipulado e a sua paixão pelas Escrituras motiva-o a plantar o cristianismo nas mais diversas fronteiras, a dialogar com as experiências religiosas do seu tempo e a lutar pela dignidade humana. Na sua missão também experimenta momentos de dúvida e crise, que enfrenta com coragem e nos quais se fortalece em Jesus Cristo. Assim, como o apóstolo dos gentios queremos ir ao encontro do mundo universitário para ser presença ética, criativa, acolhedora e fraterna.
3. A Pastoral Universitária é uma *pastoral de fronteira*, âmbito privilegiado do diálogo da Igreja com a cultural, com o meio acadêmico e com as perguntas existenciais de estudantes, professores e funcionários. Esse diálogo se estende a todos, pois a universidade é um lugar importante para as transformações da sociedade e do pensamento. Sem a presença da Pastoral Universitária, a Igreja perde tanto a oportunidade de fecundar tal espaço quanto de enriquecer-se com o diálogo e os questionamentos próprios do âmbito universitário, perdendo paulatinamente a sua incidência cultural. Sua missão é evangelizar o mundo universitário a partir de Jesus Cristo, nas inúmeras fronteiras (físicas e virtuais), que aparecem como novos caminhos de Emaús e novos arcópagos de missão e comunidade eclesial. Assim como Paulo somos chamados para esse compromisso.
4. Entendemos a Universidade como um espaço de cultura e saber. Reconhecemos a sua memória histórica como patrimônio da humanidade e a sua atualidade como responsabilidade social. Atenta aos grandes anseios universais do ser humano o seu compromisso precisa estar pautado na integração do ser, pensar e agir. A sua base universal e indiscutível são os Direitos Humanos como identidade e convergência dos caminhos em vista da felicidade. A certeza da finitude humana e seu desejo de eternidade precisa nos inspirar no mundo universitário para a busca do bem: o bem científico, o bem moral, o bem supremo.
5. O Humanismo Cristão sintetiza a nossa concepção de formação humana e profissional. A centralidade em Jesus Cristo e o seu testemunho vivo nos entusiasma a ir ao mundo universitário como um novo horizonte eclesial que se nos apresenta para o diálogo ciência e fé, e no qual os universitários podem encontrar as novas fontes de sentido que buscam. O Ensino Social da Igreja é a nossa referência para a produção e sistematização do conhecimento e expressa os valores sociais que acreditamos serem vitais para o bem comum. Defendemos a vida e a dignidade humana como pressupostos de justiça social, e anunciamos que as experiências de solidariedade e fraternidade no mundo universitário são construtoras de cultura de paz.
6. Assim sintetizamos o empenho eclesial do Setor Universidades como espaço de encontro, interação, integração partilha e diálogo entre as mais diversas experiências de pastoral universitária. A missão do Setor Universidade é promover e articular o diálogo entre as muitas formas da ação evangelizadora no ambiente universitário, definindo princípios basilares orientativos comuns para todas as iniciativas pastorais, e estimulando os projetos pastorais nos regionais e (arqui)dioceses do país. Dessa forma, é uma instância de formação, referência, unidade e comunhão entre as diversas organizações pastorais presentes no mundo universitário. É a presença da Igreja no mundo universitário.

## CAPÍTULO I – O DISCÍPULO MISSIONÁRIO NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO

7. Paulo é um grande modelo de “universitário” de seu tempo e que ilumina nossa ação evangelizadora no mundo universitário nos tempos de hoje. O apóstolo dos gentios, formado nas melhores escolas de retórica de Tarso, dominava a técnica de construir impressionantes discursos, como se nota em suas cartas (cf. 1Cor 13; 2Cor 11,21-33). Sua educação judaica feita por Gamaliel, em Jerusalém, tornou-o um fariseu de destaque (cf. At 22,3; Gl 1,14). A partir de seu encontro com Jesus Cristo, Paulo iniciou um processo de discipulado que o lançou para a missão. Nessa nova etapa, não abandonou seu conhecimento técnico; do contrário, assimilou-o e colocou-o a serviço de sua nova opção de vida, submetendo-o à sua paixão por Jesus Cristo. Sua “caminhada universitária” ganhou, assim, os traços da cruz e da ressurreição, convertendo seu conteúdo intelectual em material vivo de evangelização.
8. É à luz do modelo de discipulado e missionariedade de Paulo que pensamos hoje a evangelização no mundo universitário. A experiência de encontro com Jesus Cristo transforma nossos horizontes e nos convida a fazer caminho com Ele. Trilhar a estrada da vida com Jesus Cristo é um grande convite para um seguimento integral, que configura o que somos e, pouco a pouco, faz-nos mais parecidos com o Senhor. Ao mesmo tempo, o encanto com essa nova vida e a força da alegria gerada por ela, faz brotar a necessidade de evangelizar e anunciar a beleza de ser cristão: “A alegria do discípulo é antídoto frente a um mundo atemorizado pelo futuro e oprimido pela violência e pelo ódio”<sup>1</sup>. É um caminho de discipulado e missão, como ensina o Documento de Aparecida.
9. Aqui emerge o grande desafio da Pastoral Universitária: Como promover o encontro pessoal com Jesus Cristo, a dinâmica do seu seguimento e o compromisso com a missão no âmbito universitário? Para responder a essa pergunta, é preciso, em primeiro lugar, uma leitura dos sinais dos tempos<sup>2</sup>, buscando iluminar a realidade das Instituições de Ensino Superior, como uma base que constrói a identidade de nossa tarefa evangelizadora. Assim, apresentamos a seguir alguns aspectos que identificam a evangelização nesses ambientes de cultura e saber:

### a) O discípulo missionário nasce do encontro com Jesus Cristo

10. Paulo é o apóstolo que doou sua vida em favor das comunidades por ele fundadas, uma tarefa com inúmeras alegrias, mas também com muitos desafios e dores (cf. 1Cor 4,14-21; 2Cor 11,23-29). Seu amor paternal e maternal pelos cristãos (cf. 1Ts 2,7.11) e a força incansável do apóstolo, mesmo diante de tantos desafios, tinha um fundamento: seu encontro com Jesus Cristo. É a experiência com o Ressuscitado que será recordada para dar sentido à sua própria caminhada e à vida das comunidades: na estrada de Damasco, ele viu o Senhor (cf. 1Cor 9,1), que o escolheu (cf. Gl 1,16) por absoluta graça, não por merecimento (cf. 1Cor 15,8-9) e o tomou para seu serviço (cf. 1Ts 1,12-16).
11. A universidade é, também, lugar de encontro com Jesus Cristo, que não acontece por merecimento, mas por livre iniciativa divina. O Senhor vem ao nosso encontro e abraça-nos independente da realidade de onde viemos, acolhendo a diversidade típica desse ambiente. Ao mesmo tempo, dialoga conosco, convidando-nos ao seguimento, para dar um novo sentido à existência. Esse encontro com o amor de Deus, convertido em uma amizade feliz com Ele, torna-nos plenamente humanos, quando nos coloca a serviço do outro<sup>3</sup>. Assim, a partir do encontro com Jesus Cristo, somos lançados no mundo – e não tirados –, passando a enxergá-lo com as lentes do Reino de Deus, e vivendo, nas diferentes dimensões da vida, a missão de anunciar o Evangelho,

<sup>1</sup> CELAM. Documento de Aparecida, 28

<sup>2</sup> Concílio Ecumênico Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, 4.

<sup>3</sup> Francisco. Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 8.

não reduzido a um discurso, mas brotando da vida, como verdadeiro testemunho. Assim como Paulo, podemos dizer na universidade: “eu vi o Senhor” (1Cor 9,1), com palavras e com serviço!

12. O encontro com Jesus Cristo dá à vida um novo rumo: “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma o rumo decisivo”<sup>4</sup>. Descobrimos a possibilidade de um amor sem limites, sincero e gratuito, pelo qual nosso coração anseia, mas que, ao mesmo tempo, percebemos que não poderíamos alcançar só com os esforços humanos. Esse amor nos permite superar o vazio e a banalidade da vida cotidiana, a aridez do trabalho e a falta de sentido do estudo feito por obrigação ou como condição para um sucesso profissional que não nos realizará de fato. Esse amor transforma toda nossa vida na grande aventura que só os verdadeiros amantes conseguem viver.
13. Acolher a proposta do Reino é um processo integral e integrador. Toca as diferentes dimensões humanas e as integra à luz do verdadeiro Homem, Jesus Cristo. Com isso, é possível enxergar a vida para além da razão instrumental e reconhecer as necessidades ulteriores que temos. Encantados com o Senhor, com a grandeza e o fascínio da Verdade, reconhecemos em seus valores um fio condutor que unifica e transfigura todo o saber, permitindo que o conhecimento acadêmico se revele realmente um fator de construção de nossa humanidade.
14. Com Ele, por Ele e n’Ele descobrimos o nosso próximo, aquele que sofre e necessita da nossa solidariedade. Essa descoberta transforma o nosso jeito de viver e trabalhar e oferece-nos um ideal mais forte que o hedonismo e pragmatismo do contexto atual. Por isso, não há como ser discípulo missionário se antes não se passou pela experiência do encontro com o amor gratuito, porque o missionário é esse grande promotor de novos encontros. Assimilar a profundidade dessa missão é a base para que nossa evangelização não se reduza a “um elenco de algumas normas e de proibições, [...] a moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos batizados”<sup>5</sup>. É Jesus Cristo quem nos move, coloca-nos em ação e torna viva a comunidade cristã e a presença missionária na universidade.
15. A amizade com Jesus nasce de um encontro pessoal e precisa ser alimentada diariamente. A vida do discípulo missionário que evangeliza os ambientes de cultura e de saber é repleta dos mais diversos desafios. Ali, encontra-se com a força do diálogo, que é fonte de transformação da sociedade. Também se relaciona com os agentes dessa mudança: jovens e adultos que assimilam na vida acadêmica suas constantes experiências, vividas em um mundo em rápida transformação, e constroem, assim, as bases para a renovação de nossas estruturas de pensamento e ação. Dessa forma, a novidade, marca do âmbito da universidade, faz com que evangelizá-lo seja uma tarefa sempre nova, que exige que se pergunte, todos os dias: “O que há em Jesus Cristo que desperta nosso fascínio, e faz arder nosso coração?”. O evangelizador que está encantado com a proposta do Reino torna-o conhecido não como um “funcionário”, mas como filho amado, amigo de Deus<sup>6</sup>, que ama tão profundamente a forma de viver ensinada em Cristo e por Ele, que deseja que o mundo todo forme parte do Reino de Deus, como verdadeira comunidade de amor.

## **b) O discípulo missionário acolhe os questionamentos e as dúvidas**

16. Paulo também experimenta momentos de dúvida e crise. A passagem do Evangelho da Ásia Menor para o mundo grego não foi fácil. No início dos anos 50, o apóstolo teve que sair de Tessalônica por um grande conflito com os judeus (cf. At 17,59), mas não conseguiu ficar tranquilo, porque não havia terminado seu trabalho evangelizador na cidade. Logo após, quando chegou em Atenas, estava tão cheio de dúvidas sobre a comunidade dos tessalonicenses, se haviam ou não abraçado a fé. Certamente, não foi fácil tomar a difícil decisão de, em uma das raras vezes em todo seu apostolado, ficar sozinho para evangelizar o centro de pensamento do

---

<sup>4</sup> Bento XVI. *Deus caritas est*, 1.

<sup>5</sup> CELAM. Documento de Aparecida, 12.

<sup>6</sup> Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*, 2.

mundo grego, mas era necessário (cf. 1Ts 3,1-2.5). Paulo faz algo novo em seu ministério, porque circunstâncias novas exigiam que acolhesse novas questões, e desse um rumo diferente à evangelização.

17. Não é possível trilhar o caminho de discípulos missionários se previamente não deixarmos que brotem as dúvidas e até as negações como os primeiros discípulos viveram: Pedro, Judas, Tomé. É necessário deixar que Jesus, o Mestre, acompanhe-nos nas dúvidas e nos questionamentos. Jesus Cristo não teve medo de se deixar questionar pelos discípulos e não quis dar respostas prontas e fechadas; simplesmente os convidou: “Vinde e vede” e eles mesmos se deixaram tocar pela vida de Jesus, “ficando com ele, naquele dia” (Jo 1,39). Jesus Cristo nos ensina a sermos discípulos e mestres, na liberdade intelectual e escolha, na busca da verdade, a caminho, sempre a caminho.
18. Sendo a universidade destinada principalmente à formação intelectual, a Igreja quer contribuir para que esta seja uma formação integral, abrangente, ampla, humana. Quer contribuir para a formação de um novo humanismo arraigado no Evangelho, em contraste com a mentalidade instrumental e pragmatista dos nossos tempos, e quer fazê-lo a caminho, caminhando com aqueles que elegem a universidade para crescer. Porque a integração do saber na pessoa acontece no dinamismo do diálogo, no aconchego e no confronto da amizade. “É bom não esquecer que também a razão, na sua busca, tem necessidade de ser apoiada por um diálogo confiante e uma amizade sincera. [...] Os filósofos antigos punham a amizade como um dos contextos mais adequados para o reto filosofar”.<sup>7</sup>

### c) O discípulo missionário se aprofunda no encontro com as fontes da fé

19. A evangelização de Paulo resgata os grandes temas do Antigo Testamento e os lê a partir de Cristo. O apóstolo havia estudado na escola dos fariseus e ganhado destaque entre os seus contemporâneos, mesmo muito jovem. Seu amor pelas escrituras vai se manifestar até o final da vida, o que fica na memória das comunidades paulinas (cf. 2Tm 3,14-17; 4,13). Além do mais, ao plantar o cristianismo em diferentes culturas, conecta todas as comunidades à raiz da Igreja, mantendo contato próximo com os Doze, especialmente Pedro e Tiago (cf. Gl 1,18-19; 2,1-10).
20. A *Lumen fidei* apresenta uma pergunta interessante e sempre atual: “Como se pode estar seguro de beber no ‘verdadeiro Jesus’ através dos séculos?”<sup>8</sup> Todo evangelizador deveria fazer a si mesmo esta pergunta, de maneira especial em um momento em que ideologias exclusivistas que nascem no interior de alguns grupos religiosos reclamam serem as portadoras da “legítima interpretação” sobre o que é ser cristão. A resposta surge da própria *Lumen fidei*: “o passado da fé, aquele ato de amor de Jesus que gerou no mundo uma vida nova, chega até nós na memória de outros, das testemunhas, guardado vivo naquele sujeito único de memória que é a Igreja: esta é uma Mãe que nos ensina a falar a linguagem da fé”<sup>9</sup>.
21. Também o discípulo missionário, animado por sua experiência com Jesus Cristo, sente uma necessidade de aprofundar sua caminhada, especialmente no âmbito universitário, que continuamente pede respostas às grandes questões da existência. É na constante presença do Senhor na Igreja que somos chamados a ganhar a forma de Jesus Cristo (cf. Rm 12,2) e aprender, nas fontes de nossa fé, o que é ser cristão. Por isso, é fundamental aprofundar-se no conhecimento destas fontes: a Bíblia e a Tradição Apostólica, interpretadas pelo Magistério da Igreja. A exortação de Bento XVI aos Pastores também pode ser estendida a todos os sujeitos da ação evangelizadora no âmbito universitário: “Um âmbito particular do encontro entre Palavra de Deus e culturas é o da escola e da universidade. Os Pastores tenham um cuidado especial por estes ambientes, promovendo um conhecimento profundo da Bíblia para se poder individuar,

<sup>7</sup> João Paulo II. *Carta encíclica Fides et ratio*, n. 33.

<sup>8</sup> Francisco. *Lumen Fidei*, n. 38.

<sup>9</sup> Francisco. *Carta Encíclica Lumen fidei*, 38.

também hoje, as suas fecundas implicações culturais. [...] Em muitos casos, isto representa para os estudantes uma ocasião única de contato com a mensagem da fé. É bom que se promova, neste ensino, o conhecimento da Sagrada Escritura, superando antigos e novos preconceitos e procurando dar a conhecer a sua verdade”<sup>10</sup>.

22. Sobretudo, valorizamos a necessidade de buscar caminhos para a formação nos aspectos das fontes da fé que deem ferramentas para interpretar a linguagem teológica católica e permitam ler os textos e interpretá-los de acordo com o espírito pelo qual foram escritos. Esses mesmos critérios de estudo e análise podem ser usados para interpretar as tradições religiosas (novenas, consagrações, práticas devocionais, vidas de santos), que estão presentes no âmbito universitário e devem ser lidas dentro de seu contexto de origem e com uma necessária hermenêutica, para que sejam vividas na sua riqueza. Esse aprofundamento nas fontes da fé dá a segurança necessária para garantir a acomodação do cristianismo em diferentes contextos culturais e promove a diversidade de experiências cristãs, unidas pelo único Evangelho: Jesus Cristo, que se manifesta de maneira plena na Igreja. Assim, pode-se lutar contra partidarismos, polarizações, sectarismos e contra a tentativa de engessar modelos pastorais para aplicá-los no presente sem o cuidado de atualizá-los à luz da compreensão de fé que a Igreja apresenta nos dias de hoje. É um ensinamento fundamental “a quantos sonham com uma doutrina monolítica defendida sem nuances por todos”<sup>11</sup>.

#### **d) O discípulo missionário busca o diálogo da fé com as culturas**

23. A evangelização paulina é respeitosa com as diferentes experiências humanas nas quais o cristianismo vai sendo inserido. A pregação de Paulo é multiforme: adapta-se aos judeus, aos submetidos à Lei, aos que viviam sem a Lei, aos fracos (cf. 1Cor 9,19-22). Para o apóstolo, isso se constitui uma condição para que ele próprio participe do Evangelho (cf. 1Cor 9,23), pois é a forma com que se torna servo de todos, respeitando sua forma de assimilar Cristo. Não significa que o conteúdo da pregação mudou; a forma de anunciar é que foi adaptada para construir verdadeiro diálogo com as culturas, exigência para um discípulo missionário.
24. Em todas as situações, mas particularmente no âmbito universitário, o discípulo missionário depara-se com o chamado e o desafio de construir o diálogo entre fé e culturas, que constituem um vastíssimo areópago moderno a ser evangelizado<sup>12</sup>. A Igreja nos convida a um “perseverante compromisso de mediação cultural e social do Evangelho atuado pelo povo de Deus nas diferentes áreas continentais e em diálogo com as várias culturas”<sup>13</sup>, como um caminho urgente para iluminar a crise antropológica e socioambiental que vivemos e, assim, promover uma mudança que mude o modelo de desenvolvimento global e redefina o progresso<sup>14</sup>. De maneira particular, a evangelização das culturas no mundo universitário implica o diálogo entre fé e razão, o qual exige uma postura de busca pelo aprofundamento da fé e também aberta ao diálogo, evitando uma superficial uniformização do pensamento e valorizando a criticidade do cristão, que é convidado a olhar o mundo com os olhos de Cristo. Entendemos que os ambientes de cultura e saber também são lugares possíveis da iniciação cristã considerando o aspecto da gradualidade pastoral, acompanhando os atores destes ambientes na etapa da vida em que se encontram.
25. É urgente oferecer critérios claros de juízo e discernimento que permitam às culturas fazerem escolhas de forma mais adequada, que favoreçam a conquista da realização e da vida plena. Tem papel fundamental nisso a educação para o humanismo solidário, com a responsabilidade de assegurar a formação de cidadãos dotados de uma adequada cultura do diálogo, vivida nas

<sup>10</sup> Bento XVI. Exortação apostólica *Verbum domini*, 111.

<sup>11</sup> Francisco, Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*, 43.

<sup>12</sup> João Paulo II. Carta Encíclica *Redemptoris missio*, 38; CNBB. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*, 250.

<sup>13</sup> Francisco. Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*, 3.

<sup>14</sup> Francisco. Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*, 3.

instituições universitárias<sup>15</sup>. Para isso, é necessário instaurar-se um quadro de valores no qual se vive, pensa e age a partir de princípios relacionais como gratuidade, liberdade, igualdade, coerência, paz e bem comum<sup>16</sup>. “Trata-se de uma gramática do diálogo, capaz de construir pontes e encontrar respostas para os desafios do nosso tempo”<sup>17</sup>. Os discípulos missionários, iluminados por Jesus Cristo, se tornam “pessoas particularmente preparadas em cada uma das disciplinas [...] dotadas também de adequada formação teológica e capazes de enfrentar as questões epistemológicas no plano das relações entre a fé e a razão”<sup>18</sup>.

26. É preciso um olhar mais cuidadoso sobre o tema do cuidado com o mundo em que vivemos, com nossa casa comum, tão recorrente no âmbito universitário. Nele, o diálogo entre fé e culturas pode ser valorizado e o cristão pode contribuir profundamente ao ser agente de uma educação para a aliança entre a humanidade e o ambiente<sup>19</sup>, mostrando como os valores que nascem da fé podem ajudar a construir um novo pensamento ecológico. “É preciso ter presente que os modelos de pensamento influem realmente nos comportamentos. A Educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza”<sup>20</sup>.

### e) O discípulo missionário vive a oração e os sacramentos

27. Entre os pilares que sustentam a ação missionária de Paulo, discípulo em saída, estão a oração e a vida sacramental. Paulo encontra uma riqueza tão profunda na proposta cristã e integra sua vida a Cristo de maneira tão indissociável, que é capaz de dizer: “Fui crucificado junto com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,19-20). Seu chamado para ser apóstolo dos gentios acontece na celebração do culto e na oração (cf. At 13,1-3); Paulo canta louvores a Deus durante as adversidades (cf. At 16,25) e a oração o leva a enxergar coisas novas (cf. At 16,9). Por isso, além de fazer longas ações de graças em suas cartas (cf. 1Ts 1-3), mostra que é preciso orar sem cessar (cf. 1Ts 5,17) e ensina a importância da vida sacramental, valorizando a Eucaristia (cf. 1Cor 11,17-33).

28. O discípulo missionário no âmbito universitário alimenta-se continuamente na fonte da oração. A vida de oração abre-nos à transcendência, auxiliando-nos a sair de si e evitando “asfixiar-se na imanência fechada desse mundo”<sup>21</sup>. Diante do sobrepeso conteudista e racionalista do âmbito universitário, a dimensão oracional nos recorda que somos seres inteiros e não fragmentados, com uma dimensão espiritual constitutiva e uma necessidade visceral de lançar-nos ao transcendente. De fato, a “alfabetização integral” exige integrar as diferentes linguagens que nos constituem como pessoas.<sup>22</sup> A educação para a oração constrói uma sensibilidade particular para olhar o mundo, educando-nos na dimensão simbólica da vida, o que é fundamental para viver bem o culto cristão.

29. A oração, mais além de sua necessária expressão pessoal e solitária, quando cultivada e aprofundada, aproxima o mundo exterior do interior. Aprendemos que Deus nos fala por meio dos sentidos, que são canais de percepção do mundo externo, de forma que é possível viver uma mística “de olhos abertos”, que traz as experiências da vida para nosso diálogo com Deus. Isso é particularmente expresso na vida sacramental da Igreja, que, por meio de sinais sensíveis, significa e realiza as realidades do Reino. Dessa forma, encorajamos que, nos espaços de cultura e saber, valorizem-se os sacramentos, que nos lançam a uma vida oracional comunitária, e

<sup>15</sup> Francisco. Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*, 4; *Discurso do Santo Padre na visita à Pontifícia Universidade Católica do Chile*, 17 de janeiro de 2018.

<sup>16</sup> Congregação para a Educação Católica. *Educar ao humanismo solidário*, 14.

<sup>17</sup> Francisco. *Discurso aos participantes na Plenária da congregação para a Educação Católica*, 9 de fevereiro de 2017.

<sup>18</sup> João Paulo II. *Alocução ao Congresso Internacional sobre as Universidades Católicas*, 25 de abril de 1989, 3.

<sup>19</sup> Francisco. *Carta Encíclica Laudato Si*, 209-210.

<sup>20</sup> Francisco. *Carta Encíclica Laudato Si*, 9.

<sup>21</sup> Francisco, Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*, 147.

<sup>22</sup> *Discurso do Santo Padre na visita à Pontifícia Universidade Católica do Chile*, 17 de janeiro de 2018.

ajudam a compreender a profunda comunhão que se forma quando elevamos juntos nosso coração a Deus. “A escuta da Palavra de Deus e a Eucaristia são nosso alimento, especialmente quando estamos tristes ou desanimados. Elas nos enchem de alegria!”<sup>23</sup>. A Igreja, uma mãe de coração aberto, sempre chamada a ser a casa aberta do Pai,<sup>24</sup> também deve abrir a porta dos sacramentos para alimentar a vida de todos os que estão envolvidos no ambiente universitário.

30. A vida de oração e sacramental deve sustentar nossa ação evangelizadora no âmbito universitário. Temos várias motivações para um novo impulso missionário, sendo evangelizadores que rezam e trabalham<sup>25</sup>, ou seja, desenvolvem uma mística provida de um vigoroso compromisso social e missionário. Aprendamos com os nossos pais e as nossas mães na fé e com os Santos e as Santas que nos precederam e enfrentaram as dificuldades próprias do seu tempo. Com esta finalidade, propomos que nos detenhamos a recuperar algumas motivações que nos ajudem a imitá-los no seguimento de Jesus Cristo nos nossos dias: o encontro pessoal com o amor de Jesus que nos salva; o prazer espiritual de ser povo; a ação misteriosa do Ressuscitado e do seu espírito; o modelo de São José e de Maria.

#### **f) O discípulo missionário vive a dimensão ecumênica e o diálogo inter-religioso**

31. Mesmo diante de experiências desafiadoras, Paulo entra em um diálogo profundo com as experiências religiosas de seu tempo. Sendo um cristão nascido na diáspora, suas lembranças de infância deviam resgatar um judaísmo vivido em um mundo com uma impactante diversidade religiosa. O registro de Atos dos Apóstolos sobre seu discurso no areópago em Atenas (cf. At 17, 16-22) são iluminadoras: Paulo mostra que está atento para as diversas práticas religiosas de sua época, em certa medida, valorizando-as, respeitando-as e agindo não de forma condenadora, mas incrivelmente dialógica. É a partir daí que lembramos o caráter profundamente ecumênico e de diálogo inter-religioso que deve ser vivido pelo discípulo missionário na universidade.

32. O Concílio Vaticano II consolidou um movimento ecumênico que o precedeu, valorizando as experiências de diálogo com a grande família cristã espalhada pelo mundo e também com os irmãos não cristãos. Sobre a falta de unidade entre as Igrejas cristãs, diz: “Esta divisão, porém, contradiz abertamente a vontade de Cristo, e é escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda a criatura”<sup>26</sup>. O diálogo ecumênico e inter-religioso é uma das atenções atuais da Igreja Católica, como atestam os “Dias de reflexão, diálogo e oração pela paz e a justiça no mundo” em Assis ou as Campanhas da Fraternidade ecumênicas, realizadas no Brasil pela CNBB e pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). É na luta pela unidade que o discípulo missionário deve combater no âmbito universitário qualquer forma de violência de raça ou cor, condição ou religião<sup>27</sup>, uma vez que, na sua missão de “fomentar a união e a caridade entre os homens e até entre os povos, considera primeiramente tudo aquilo que os homens têm de comum e os leva à convivência”<sup>28</sup>.

33. Dessa forma, nossa ação evangelizadora nos ambientes de cultura e saber, consciente de sua identidade católica, é incentivada a promover serviços universitários evangelizadores em conjunto com seus irmãos de outras experiências religiosas cristãs e não cristãs, em uma postura de abertura e respeito à própria identidade e à identidade dos demais. De maneira concreta, valoriza-se momentos de oração em conjunto, o estudo e reflexão de temas comuns e ações sociais feitas em parceria. Devem ser também lembrados aqueles que, “não se reconhecendo parte de qualquer tradição religiosa, buscam sinceramente a verdade, a bondade e a beleza, que,

---

<sup>23</sup> Papa Francisco. *Regina Coeli*, 5 de maio de 2014.

<sup>24</sup> Francisco. Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 46-47.

<sup>25</sup> Francisco. Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 262.

<sup>26</sup> Concílio Ecumênico Vaticano II. Decreto *Unitatis redintegratio*, 1.

<sup>27</sup> Concílio Ecumênico Vaticano II. Declaração *Nostra aetate*, 5.

<sup>28</sup> Concílio Ecumênico Vaticano II. Declaração *Nostra aetate*, 1.

para nós, têm a sua máxima expressão e a sua fonte em Deus”<sup>29</sup>. A luta conjunta pela construção de um mundo pacífico e solidário é uma grande força para levar a humanidade a viver de acordo com a dignidade humana para a qual fomos criados. “Portanto, quando vivemos a mística de nos aproximar dos outros com a intenção de procurar o seu bem, ampliamos o nosso interior para receber os mais belos dons do Senhor. [...] Cada vez que os nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus”<sup>30</sup>.

#### **g) O discípulo missionário vive o testemunho de responsabilidade pelo bem comum**

34. O cristianismo primitivo enfrenta, necessariamente o tema social. As primeiras comunidades desenvolvem-se em um mundo escravagista, com extrema concentração de poder e em meio ao imperialismo de Roma. A mais antiga comunidade cristã de que temos testemunho é Tessalônica. Para ela, Paulo escreve uma carta no ano 51, antes do aparecimento dos Evangelhos. Como muitas das que nasceriam no primeiro século, é formada por gente muito pobre e desvalorizada porque tinha que trabalhar com suas próprias mãos, o que era considerado indigno no mundo romano. Ali, Paulo trabalha para não ser pesado para ninguém, mostrando que o cristão luta para que a vida seja digna (cf. 2Ts 3,6-9) e dá uma regra: quem não trabalha, que não coma! (cf. 2Ts 3,10-15), mas que seja tratado como irmão e corrigido. Na marca das comunidades paulinas está o cuidado para que a vida digna seja um bem de todos e para que a espiritualidade não seja vivida de maneira alienante, mas como impulsionadora da transformação da sociedade, à luz de Cristo.
35. O cristianismo não pode ser reduzido a uma doutrina que se propõe; é, antes, uma vida que se testemunha. A questão social é uma questão antropológica<sup>31</sup> que requer uma função educativa que não se pode mais adiar. Por isso, é necessário um novo ímpeto do pensamento para compreender melhor as implicações do fato de sermos uma família: a interação entre os povos da terra chama-nos a esse ímpeto, para que a integração se verifique sob o signo da solidariedade<sup>32</sup>. Por isso, não se trata de ter uma proposta teórica inteligente para convencer ou converter as pessoas, mas de se viver toda a riqueza de nossa humanidade – não só porque isso é bom para a propagação da fé, mas porque é fundamental para nós. É a nossa felicidade que está em questão, e não só o êxito da evangelização. Quanto mais realizada e humana for uma pessoa, maior será sua capacidade de agregar e de somar aos demais.
36. A compreensão desse fato nos dá uma liberdade e responsabilidade, seja em relação à criação de projetos e ações evangelizadoras, seja em relação à nossa postura de cristãos em relação aos demais acontecimentos próprios do âmbito universitário e da sociedade. A fé é graça de Deus e nos chega por meio da mensagem que recebemos da Igreja, por meio daqueles que anunciam e testemunham o Evangelho, mas ela se fortalece a partir de uma experiência viva e quando os conteúdos são testemunhados. O aprofundamento da experiência pessoal de encontro com Cristo é a verdadeira condição para o crescimento da presença cristã na universidade. Como no Evangelho, quando os samaritanos contam à mulher que lhes anunciou e favoreceu o encontro com Jesus: “Já não é por causa daquilo que contaste que cremos, pois nós mesmos ouvimos e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo” (cf. Jo 4,42).
37. A fé cristã abre o coração para descobrir o mundo sempre mais belo, captar a presença amorosa do Deus da vida, estradeiro conosco e presente em todos os dinamismos da realidade, para comover-nos com o outro. Essa comoção é a raiz da caridade – um “mover-se de compaixão” (cf. Lc 10,33) –, que não se confunde com obrigação moralista ou voluntarismo, mas cresce como necessidade cada vez mais irrefreável de ir ao encontro do outro, de partilhar e responder com ele sua dor e sua alegria. Tal abertura se manifesta e se concretiza como interesse

<sup>29</sup> Francisco. Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 257.

<sup>30</sup> Francisco. Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 272.

<sup>31</sup> Carta encíclica *Caritas in veritate*, 75.

<sup>32</sup> Carta encíclica *Caritas in veritate*, 53.

genuíno e sincero por tudo o que é humano e que humaniza, como capacidade de descobrir a beleza e a verdade de todas as coisas e, sobretudo, de comover-se e solidarizar-se diante do outro que se encontra caído à beira do caminho. Como no Evangelho, quando Jesus perguntou ao doutor da lei: “Qual dos três foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?”, este lhe responde: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Então Jesus lhe diz e nos diz: “Vai e faz tu a mesma coisa” (cf. Lc 10,36-37). “O bem comum esteja associado virtuosamente ao bem de cada um, que transformem o conteúdo das ciências em conformidade com a plena realização da pessoa e da sua pertença à humanidade”.

38. Finalmente, é importante lembrar as palavras do Papa Francisco, que ensina que o cristianismo não pode ser reduzido a uma Organização Não Governamental ao ser-lhe roubada sua espiritualidade, mas, ao mesmo tempo, também indica que a atitude de condenação do compromisso social do cristão é nociva e ideológica<sup>33</sup>. “Poder-se-ia pensar que damos glória a Deus só com o culto e a oração, ou apenas observando algumas normas éticas (é verdade que o primado pertence à relação com Deus), mas esquecemos que o critério de avaliação da nossa vida é, antes de mais nada, o que fizemos pelos outros”<sup>34</sup>. O ensino social da Igreja lembra que, ancorados no primado da caridade, os cristãos devem, com urgência, lutar para a transformação do mundo e a instauração da civilização do Amor, o que clama um compromisso com a construção de um mundo novo: “Em face das graves formas de exploração e de injustiça social torna-se sempre mais ampla e sentida a necessidade de uma radical renovação pessoal e social, capaz de assegurar justiça, solidariedade, honestidade, transparência”<sup>35</sup>.
39. Animados pelo encontro com Cristo, à luz das fontes da fé, afirmamos que temos a responsabilidade de anunciar o Evangelho nas realidades temporais, incluindo a cultura, a ciência e a pesquisa: “Todas as realidades humanas seculares, pessoais e sociais, ambientes e situações históricas, estruturas e instituições, são o lugar próprio do viver e do agir dos cristãos leigos”<sup>36</sup>. Mesmo no interior de algumas comunidades, nenhuma ideologia sectária moderna ou corrente teológica inconsistente é capaz de mudar essa verdade evangélica de compromisso social, consolidada no Magistério da Igreja.

---

<sup>33</sup> Francisco, Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*, 101.

<sup>34</sup> Francisco, Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*, 104.

<sup>35</sup> *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 577; cf. João Paulo II, Carta encíclica *Veritatis splendor*, 98; Id., Carta encíclica *Centesimus annus*, 24.

<sup>36</sup> *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 543.

## CAPÍTULO II: URGÊNCIAS E PERSPECTIVAS PARA A AÇÃO EVANGELIZADORA NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO

### a) Âmbito universitário e os seus atores

40. Quando pensamos em *âmbito universitário* devemos ter em mente uma dimensão que vai muito além do espaço físico das IES<sup>37</sup>. O seguimento de Jesus Cristo e a ação evangelizadora, não se tratam apenas da ocupação de espaços no ambiente universitário para a realização de atividades religiosas. Antes, estes ocorrem nas relações interpessoais com os diversos atores deste âmbito, dentro os quais, além dos estudantes de graduação se encontram pós-graduandos, professores, funcionários, estagiários, monitores e etc. Por outro lado, o âmbito também não se restringe às instituições, e aos corpos docentes, discentes e administrativos das mesmas, mas inclui o campo da cultura acadêmica, as produções científicas e culturais, as ideias e os saberes nascidos dentro ou em torno das IESs e irradiados para a sociedade. É um multiverso de possibilidades, com suas relações, sua criatividade e sua presença na sociedade. O discípulo missionário é chamado a “fecundar o chão” do *âmbito universitário*, transformando os corações e as estruturas.
41. O tripé, ensino, pesquisa e extensão, pelos quais a missão da universidade se realiza, podem ser iluminados à luz do Evangelho e deste modo potencializados. São indissociáveis<sup>38</sup> e fundamentais para a construção da civilização do Amor renovadas formas de transmissão do saber e de valores, investigações científicas conduzidas por uma reta consciência e razão e um olhar compassivo e profético às mazelas da sociedade. Os discípulos missionários no âmbito universitário são chamados a buscar uma renovação deste tripé, para que sirvam melhor cada ser humano e toda a humanidade. Embora muitas vezes estes pilares estejam fossilizados, a criatividade do Espírito Santo que “sabe o que faz falta em cada época e em cada momento”<sup>39</sup> é capaz de gerar o dinamismo necessário para tal renovação.
42. A ação evangelizadora no âmbito universitário tem uma responsabilidade de favorecer permanentemente a reflexão sobre os planos de ensino que são propostos para a formação humana dos futuros profissionais. Compreendemos a educação como humanização, isto é, como uma experiência para que “o ser humano desenvolva plenamente seu pensamento e sua liberdade, fazendo-o frutificar em hábitos de compreensão e em iniciativas de comunhão com a totalidade da ordem real”<sup>40</sup>. Daí que consideramos imprescindível que as instituições educativas destaquem a dimensão ética e religiosa da cultura, “precisamente com o objetivo de ativar o dinamismo espiritual do sujeito e ajudá-lo a alcançar a liberdade ética”<sup>41</sup>. Para isso, acreditamos que é tarefa essencial da evangelização zelar por um currículo que evangelize e por planos de estudo e subsídios didáticos que testemunhem, de forma orgânica e sistemática, um itinerário formativo humanístico, pautado em atitudes e competências comprometidas com a promoção da vida e dignidade humana. Evangelizar o currículo é “fazer da Universidade um espaço privilegiado para praticar a gramática do diálogo que forma o encontro. Já que a verdadeira sabedoria é produto da reflexão, do diálogo e do encontro generoso entre as pessoas”<sup>42</sup>.
43. A dimensão da fé autêntica, que “comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela”<sup>43</sup>, pode iluminar a pesquisa científica quando aponta as necessidades da humanidade e do mundo, para os quais também deve buscar respostas. “Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade”<sup>44</sup>, de conhecer-se a si mesmo e ao mistério. No mundo de hoje, a fé

<sup>37</sup> O termo “universitário” aqui é utilizado em sentido analógico e abrange também as escolas técnicas superiores.

<sup>38</sup> Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, artigo 207.

<sup>39</sup> E.G. 280

<sup>40</sup> DA 330

<sup>41</sup> DA 330

<sup>42</sup> Discurso do Papa Francisco na Pontifícia Universidade Católica de Chile, em 18 de janeiro de 2018.

<sup>43</sup> E.G. 183

<sup>44</sup> João Paulo II. *Carta encíclica Fides et ratio*, Introdução.

também pode contribuir para suprir uma carência de formação integral encontrada na universidade. Faz-se muito interessante a formação de grupos de estudos que favoreçam a ética e o humanismo solidário nas diversas áreas, incluindo as ciências não humanas. Refletir sobre a pesquisa científica e a sua finalidade, “a partir da experiência de solidariedade vivida pelos pesquisadores”<sup>45</sup>, é uma necessidade do mundo de hoje. A cooperação entre as áreas do conhecimento também é um aspecto que surge naturalmente numa pesquisa, uma vez que ela convoca todos os homens e as mulheres, em uma unidade na diversidade, a darem respostas concretas para a construção da Civilização do Amor. Destacamos também as experiências de iniciação e pesquisa científica como areópagos modernos nos quais os cristãos leigos podem agir como sujeitos eclesiais<sup>46</sup>.

44. A extensão universitária constitui uma dimensão fundamental na formação profissional por possibilitar um dinamismo de capacidades ao serviço da pessoa e da sociedade. O saber acadêmico não pode estar divorciado das dimensões práticas da vida, ao contrário, precisa integrar, como pressuposto e finalidade, os desafios que o presente e que o futuro próximo apresentará. Os universitários são chamados a ir “em saída” e dispor a serviço da comunidade a produção do conhecimento. A qualidade e excelência acadêmica estão ligadas diretamente ao grau de compromisso e inserção social que o saber produzido alcança. Assim, a ação evangelizadora precisa motivar este “pacto educacional” ao serviço do humanismo solidário. Para isso urge aproximar-se dos projetos e programas de extensão universitária e testemunhar criativamente a “vocação da solidariedade”<sup>47</sup> nas atividades de ensino e de pesquisa, fortalecendo redes de cooperação construtoras de bem comum, baseadas nos valores da solidariedade cristã.

## Os atores

45. A partir do Evangelho, a graduação e a escolha profissional podem se integrar num sentido de vida muito mais amplo e completo. É preciso gastar tempo em um verdadeiro encontro, entrar no mundo no qual o universitário pertence, para conhecer suas *aspirações, riquezas e limitações*<sup>48</sup>. Por outro lado, o estudante encontra também sentido ao poder se doar solidariamente ao outro, principalmente quando a oferta de seus talentos envolve sua escolha profissional. De fato, os espaços propícios para a prática do humanismo cristão podem ajudar o estudante a discernir e se realizar em seu caminho profissional, além de proporcionar uma abertura para o encontro com Jesus Cristo.
46. No mundo de hoje, um dos maiores desafios enfrentados pelos estudantes de graduação é a ausência de sentido. São muitos os casos de estudantes universitários vivendo crises existenciais, com dúvidas com relação à carreira, sobre o curso escolhido, relacionamentos e, também sobre o sentido da vida. Muitos estudantes ingressam no ensino superior sem uma adequada reflexão e, em muitos casos, as motivações principais são o retorno financeiro, ou a preferência dos pais. Para muitos, uma reflexão profunda a respeito do futuro profissional acontece apenas nos últimos anos da graduação, ou nem chega a acontecer. Por outro lado, até mesmo os estudantes que se identificam com seus cursos, muitas vezes não conseguem lidar de maneira equilibrada com as frustrações da vida acadêmica. O imediatismo com que se espera as conquistas e o distanciamento das relações pessoais com si mesmo e com o outro, tira a visão da vida acadêmica como um processo de superação a ser construído, que exige paciência e perseverança. Também por esse distanciamento, muitos experimentam uma profunda solidão na universidade. Não surpreende, por essas e outras razões, constatarmos um aumento progressivo problemas de saúde, principalmente ligados à saúde mental como depressão, abuso de álcool e outras drogas.

---

<sup>45</sup> Congregação para a Educação Católica. Educar ao Humanismo Solidário, 26.

<sup>46</sup> CNBB. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*, 273.

<sup>47</sup> Congregação para a Educação Católica. Educar ao Humanismo Solidário. (7-11).

<sup>48</sup> cf. E.G. 154

47. Os professores fazem parte da comunidade acadêmica e participam do processo de formação humana e profissional dos universitários. São chamados a serem mestros e seguir o exemplo de Jesus, Mestre dos seus discípulos, no estilo pedagógico retratado no encontro com os peregrinos de Emaús (Cf. Lc 24, 13-35). O Mestre apoia no discernimento e acompanha aos estudantes pelo ensino e pelo testemunho profissional. Para isso, precisam ser animados e encorajados na missão profética de ensinar: “são interpelados para gerar processos que iluminem a cultura atual, propondo um renovado humanismo que evite cair em todo tipo de reducionismo”<sup>49</sup>. Além disso, precisam ser compreendidos na situação de desvalorização profissional que vivenciam e apoiados na melhoria das suas condições laborais e na superação de indicadores que os aprisionam em modelos capitalistas de produção intelectual. A saúde dos professores é um tema que merece especial atenção pois repercute diretamente na sua tarefa docente. Precisamos acompanhá-los em seu desenvolvimento saudável nas suas dimensões física, mental, espiritual e profissional para que anseiem a excelência acadêmica e testemunhem na comunidade universitária a sua vocação docente<sup>50</sup>, comprometida com a vida e com a sociedade.
48. Os colaboradores também fazem parte da comunidade acadêmica e precisam ser reconhecidos no labor que realizam. Assim como os professores, também precisam ser acompanhados no crescimento na fé e responsabilizados nos seus testemunhos educativos. Ressaltamos a necessidade de escutá-los e de ser sensíveis frente aos desafios que a terceirização das relações de trabalho geram. As suas demandas e condições laborais são um espaço próximo para o desenvolvimento do compromisso social dos universitários.
49. Neste sentido a força transformadora do Evangelho pode ajudar a resgatar o potencial que estas pessoas têm de se doar pelo outro, os sonhos de fazer de sua formação e de sua pesquisa uma forma de transformar o mundo e a alegria de sua vocação profissional. Um acompanhamento que ajude o estudante nesse momento de transição, tem se mostrado uma urgência da ação evangelizadora no âmbito universitário. Também a criação de espaços que favoreçam a partilha das experiências e desafios desta nova etapa de vida, com seus pares, bem como com pessoas que já passaram por estes desafios, pode ajudar a cultivar tal alegria e propiciar uma redescoberta dos sonhos e sentidos da vida profissional, seja no mercado de trabalho ou na academia. Finalmente, há de se destacar que muitas pessoas, que, no seu tempo de estudo, descobriram uma vocação pastoral e missionária na universidade, podem mantê-la nos ambientes de cultura e saber.
50. O estudante egresso, com vínculo com a universidade, enfrenta também grandes desafios que demandam um acompanhamento. Da mesma forma que alguns estudantes ingressam em uma graduação sem a devida reflexão, muitos continuam seus estudos em uma pós-graduação sem confrontarem as consequências desta escolha profissional. A pressão com os prazos faz com que muitas vezes as jornadas de estudo e trabalho sejam exaustivas e improdutivas e há uma tendência de se concentrar tanto nos problemas da pesquisa, que a formação como um todo se perde. Também, o imediatismo requisitado para as publicações e a métrica utilizada para classificar a qualidade do pesquisador, pode gerar pesquisas sem critério e uma vida voltada para a publicação. Outra parcela dos egressos enfrentam a dificuldade de iniciar uma vida no mercado de trabalho. Muitos sofrem com o desemprego, ou com a frustração de exercer um trabalho muito diferente do que imaginavam. Além disso, a transição de um ambiente comunitário como a universidade, para a nova realidade do trabalho, que muitas vezes é de um ambiente mais isolado, pode amplificar a dificuldade de adaptação. Com todos esses desafios, muitas vezes os sonhos de um profissional recém-formado são ofuscados.

---

<sup>49</sup> Discurso do Papa Francisco na Pontifícia Universidade Católica de Chile, em 18 de janeiro de 2018.

<sup>50</sup> Congregação para a Educação Católica. A escola católica no limiar do Terceiro Milênio. 1997. n. 19.

## b) Fronteiras

51. A ação e a missão da Igreja nunca estiveram restritas apenas aos espaços ditos eclesiais. Na verdade, desde o princípio, os primeiros discípulos se empenharam em atender ao mandato de Jesus: “Ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos” (Mt 28, 19). Aos poucos, foram compreendendo que “serem suas testemunhas em Jerusalém, na Judéia, na Samaria e até os confins do mundo” (At 1,8), não se referia apenas a uma questão geográfica, mas a partilhar “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem,” pois “não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco”<sup>51</sup> no coração de Deus.
52. “Deus é sempre novidade, que nos impele a partir sem cessar e a mover-nos para ir mais além do conhecido, rumo às periferias e aos confins.”<sup>52</sup> Nos tempos atuais, esse convite de Cristo continua a reverberar nos corações. Esse chamado se estende a realidades onde é necessária uma preocupação do evangelizador, não apenas em chegar a cada pessoa, mas em dialogar com as culturas, com as expressões da ciência e as variadas experiências humanas<sup>53</sup>. A ação e missão realizadas em cenários como esse são atividades pastorais de fronteiras e um dos âmbitos privilegiados para realizar esse diálogo, de modo interdisciplinar e inclusivo, é a universidade.
53. Dentre as marcas atuais de fronteira no ambiente universitário, destacamos:
- a) Mesmo com o processo de interiorização do ensino superior, intensificado nas duas últimas décadas, a *mobilidade urbana e rural* é uma rotina para grande parte dos estudantes de nível superior no Brasil. Além da sobrecarga física, imposta aos alunos, uma série de fatores devem ser considerados: em relação ao transporte em si, alimentação, moradia (residências universitárias), questões financeiras, a viabilidade das práticas religiosas, danos pedagógicos e psíquicos. Outro fator muito relevante é a redução constante do número de escolas e universidades no campo, além das vicissitudes enfrentadas por indivíduos pertencentes a comunidades tradicionais que, também, sofrem pela dificuldade em ver respeitadas as suas especificidades individuais e culturais. Vale ressaltar a importância não apenas do empenho das Instituições quanto ao enfrentamento dessa realidade, mas, principalmente, dos poderes públicos que têm responsabilidade direta sobre muitas dessas questões.
  - b) Com a revolução tecnológica e a melhoria dos meios e tecnologias de informação e comunicação, propagou-se pelo país a modalidade da Educação a Distância – EaD. Inicialmente, criada como uma forma de democratização da educação, foi uma das responsáveis pelo processo de interiorização do ensino superior, favoreceu o acesso ao ensino a pessoas com uma faixa etária maior, algumas vezes realizando sua segunda graduação, e ao trabalhador-estudante. O ambiente virtual tem criado novos desafios para os atores envolvidos na EaD em relação aos laços de pertencimento; aos vínculos e ao relacionamento professor-aluno e aluno-aluno e às questões trabalhistas, especialmente, quando grandes corporações são as principais empreendedoras nesse setor. Também, esses desafios aparecem para a ação evangelizadora e repercutem nos processos de pastoral.
  - c) Um rápido olhar para o cenário do ensino superior revela um *rostro feminino*, como nunca se viu. Muitos degraus foram galgados nessa conquista, pois, em muitos casos, ela não é só uma presença física, mas um efetivo espaço de voz e vez para a mulher na sociedade. Em contrapartida, algumas questões como a violência, o preconceito, a tripla jornada, a ausência de creches universitárias ainda são constantes no dia a dia de muitas universidades do país. “É uma séria obrigação compreender, respeitar, valorizar e promover a força eclesial e social do que as mulheres fazem”<sup>54</sup>. Um desses caminhos é ampliando os espaços de diálogo e escuta, os *locus* de

---

<sup>51</sup> GS,1

<sup>52</sup> GE, 135

<sup>53</sup> cf. EG, 133 – 134

<sup>54</sup> Discurso do Santo Padre no Encontro com o Comitê diretivo do CELAM, Bogotá – Colômbia, 07/09/17

presença feminina incisiva, pois ela é necessário “em todas as expressões da vida social; por isso deve ser garantida a presença das mulheres também no âmbito do trabalho e nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais”<sup>55</sup>.

- d) A *mobilidade humana* é uma realidade cada dia mais presente em nosso meio, um cenário compartilhado pelas Instituições de Ensino Superior do nosso país. É importante verificar que quando nos referimos a esse público, no meio universitário, englobamos, aqui, uma diversidade de estudantes: os que se movem de forma independente para os estudos; os bolsistas (em mobilidade acadêmica ou contemplados por políticas públicas); e os estudantes refugiados ou que migram por razões econômicas, estando nesse grupo os que ingressam no país em situação ilegal.<sup>56</sup> Assim, quando levantamos a temática da mobilidade humana, não podemos nos restringir às questões relacionadas à moradia, as demandas que envolvem a continuidade da formação acadêmica e, até mesmo, sua permanência no país devem ser debatidas. Para tanto, é necessária uma abordagem integral, através dos eixos: humano-afetivo, cultural, espiritual e sócio-jurídico. Com essa abordagem buscamos garantir a acolhida integral dos estudantes internacionais, uma presença concreta na vida dessas pessoas, contribuindo com o caminho de integração e o diálogo das culturas e religiões, assegurando-lhes o mínimo necessário para o desenvolvimento das suas atividades acadêmicas e para a superação das dificuldades, geralmente, encontradas num país estrangeiro.
- e) O Papa Francisco nos chama a um processo de reflexão sobre a dignidade de *pessoas com deficiência* que, no sistema de educação, foi iniciado apenas no século XXI. “A qualidade da vida no âmbito de uma sociedade mede-se, em grande parte, pela capacidade de incluir aqueles que são mais débeis e necessitados, [...] Também a pessoa com deficiência ou fragilidades físicas, psíquicas ou morais, deve poder participar na vida da sociedade e ser ajudada a concretizar as suas potencialidades nas várias dimensões. Só quando os direitos dos mais débeis são reconhecidos, uma sociedade pode dizer que está fundada no direito e na justiça.”<sup>57</sup>. Durante vários séculos, vivendo uma realidade de extermínio e segregação, as pessoas com deficiência, hoje, encontram um sistema de ensino ainda em transição, passando de um processo de integração para uma inclusão efetiva, no qual não é mais o estudante que deve se adaptar à realidade escolar, mas o inverso. Esse cenário altamente dinâmico da educação inclusiva abarca temáticas que passam, desde questões mais técnicas como a falta de adequações de mobiliário, estrutura predial, material didático, intérpretes, cuidadores, auxiliares especializados de sala, até as mais complexas que dizem respeito aos relacionamentos na sala de aula (professor-aluno, aluno-aluno), e aos espaços de interação, escuta e acolhida discente, docente e, por vezes, familiar.
- f) O ensino superior no Brasil experimentou um processo de crescimento inédito, nas últimas décadas, especialmente, alavancado por investimento público. Esse movimento foi alicerçado por programas socioeducacionais através de políticas públicas que visavam a reparação de desigualdades sociais, historicamente determinadas, possibilitando, para tanto, seu acesso e permanência nas Instituições de Ensino Superior. Infelizmente, entretanto, a grande maioria das políticas educacionais no país nunca deixou o status de política de governo, vivendo assim à mercê da íntima relação entre a educação e o pleito eleitoral brasileiro, o que compromete não só a efetividade dessas políticas, mas o que é mais importante - a vida de milhares de atores envolvidos diretamente no sistema de ensino. “Para que o Estado possa assumir seu papel na educação, é preciso que as políticas educacionais [sejam] políticas de Estado, amadurecidas em uma reflexão nacional, mantidas e aprimoradas ao longo dos mandatos.”<sup>58</sup> Só assim o ensino de nível superior poderá ter um papel mais efetivo na mobilidade social, na reparação das desigualdades sociais e na busca por uma sociedade mais justa para todos e todas.

---

<sup>55</sup> EG, 103

<sup>56</sup> cf. Guia para o Serviço de Acolhida aos Estudantes Internacionais

<sup>57</sup> Discurso do Papa Francisco à Comunidade Internacional de Capodarco, Sala Paulo VI – Vaticano 25/02/2017

<sup>58</sup> CNBB, Pensando o Brasil - Educação n.44

g) A *internet* e a articulação das *redes sociais* “passaram a ser partes integrantes da vivência cotidiana contemporânea, despertando diferentes possibilidades de comunicação e de relação na sociedade. As redes sociais dão formas novas às dinâmicas da comunicação que cria relações, seja no universo do trabalho, da educação, do lazer, da cultura, da arte, como também da religião.”<sup>59</sup> Os espaços acadêmicos, assim como toda a vida moderna, estão permeados por interações tecnológicas e virtuais, tornando mister debater como se dará esse novo processo educacional: a educomunicação, as salas de aula e comunidades virtuais, as relações virtuais e híbridas de aprendizagem, além de uma série de “interrogações éticas acerca da privacidade, a segurança e a credibilidade dos dados, os direitos autorais e a lei de tutela da propriedade intelectuais, a pornografia, os sites que instigam o ódio, a disseminação de boatos, a representação de homicídios sob a aparência de notícias e muito mais.”<sup>60</sup> É papel do cristão buscar uma postura crítica e uma atuação pautada em valores éticos, além de tentar viver na rede, não apenas como um espaço de conectividade, mas proporcionar encontros de comunhão real.

54. O âmbito universitário abarca em suas fronteiras, uma vasta diversidade de sujeitos e saberes não sobrepostos, mas com seus valores e significados próprios, construídos a partir de uma dinâmica histórica, cultural e social diferentes e que se encontram nesse universo. Assim, a atividade pastoral nesse ambiente deve ser um lugar primordial de diálogo, acolhida e escuta sensível dessas realidades, buscando através do fortalecimento identitário, do exercício da alteridade, do respeito à diversidade, aproximação entre saberes (fé, ciência, razão, cultura), propor espaços e atividades de dialogicidade horizontalizada na aproximação desses sujeitos e seus saberes.

---

<sup>59</sup> Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, n 178

<sup>60</sup> Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, n 186

## CAPÍTULO III: PISTAS DE AÇÃO EVANGELIZADORA NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO

### a) Os eixos norteadores da atividade pastoral

59. Constituem a identidade principal da ação evangelizadora no âmbito universitário, a centralidade na pessoa de Jesus Cristo e em seu Evangelho. Na dinâmica desta ação evangelizadora, podemos verificar três eixos norteadores da atividade pastoral: o da espiritualidade, o da reflexão e o socioeducativo. Tal dinâmica nos convida a uma atuação que seja transversal e integradora. Este capítulo retoma aspectos fundamentais do ser discípulo missionário no âmbito universitário, apresentando-os de forma organizada nestes três eixos, e indicando pistas de ações.
60. O *eixo da Espiritualidade* deve favorecer uma vivência da comunidade universitária com a pessoa de Jesus Cristo, a partir da centralidade na Sua mensagem contida na Sagrada Escritura. Nos diversos contextos culturais há de se buscar a melhor forma deste convívio com Jesus Cristo, já que “uma coisa é a substância (...) e outra é a formulação que a reveste”<sup>61</sup>. O cultivo desta Espiritualidade também se dá pela formação de comunidades cristãs ambientais, que são lugares privilegiados para a vivência do encontro com Deus na universidade, e a iniciação à vida cristã. Tais comunidades são formadas num contexto de fronteira, e tem como aspectos da mística o deserto e principalmente o diálogo. Estas comunidades devem ainda se abrir para o ecumenismo e o diálogo inter-religioso. O eixo de Espiritualidade inspira e sustenta a reflexão e a ação social que brotam da fé.
61. São diversas as ações que podem favorecer essa vivência do eixo Espiritualidade, dentre elas, podemos destacar: o contato com a palavra de Deus, a partir da leitura orante da Bíblia e partilhas em grupo; os espaços de acolhimento, escuta e orientação espiritual; os momentos de oração que explorem diferentes carismas e expressões da piedade popular; as Celebrações da Palavra, Eucarísticas e Ecumênicas nas IES. Todos estes elementos ajudam a formar a comunidade cristã universitária ambiental. Chamamos à atenção para propostas mistagógicas que se servem dos *Semina Verbi*<sup>62</sup> presentes nos diversos contextos culturais.
62. O *eixo da Reflexão* está fundamentado nos pressupostos do humanismo cristão, qual seja a reflexão da pessoa humana à luz de Jesus Cristo. Isto significa elevar o ser humano à dignidade de pessoa alcançada em Cristo, o modelo pleno de pessoa. No contexto universitário, o humanismo cristão contribui com princípios que favorecem a criticidade e o discernimento para o desenvolvimento integral da sociedade. Este eixo busca promover o diálogo sobre as questões existenciais e sociais nos contextos atuais da cultura, educação, política, economia, religião e outras urgências da sociedade. O eixo de Reflexão ajuda também a amadurecer a vida de fé e a sua dimensão sociotransformadora.
63. Muitas ações podem ser desenvolvidas no *eixo da Reflexão*, sendo importante que perpassem o ensino, pesquisa e extensão. Para os professores, é possível integrar os princípios do humanismo cristão nos eixos de formação humanístico das matrizes curriculares. Destacamos a formação de grupos de estudos e reflexão, que aprofundem o conhecimento sobre o ensinamento da Igreja, iluminados pelos pensadores de inspiração católica. Da mesma forma, promover iniciativas de encontros (debates, oficinas, mesas redondas, rodas de conversa, eventos artístico-culturais, etc.) em atitude de diálogo, tratando de temas contemporâneos e relacionados com cada realidade local. Este eixo encontra nas diferentes práticas de pesquisa e extensão um terreno fértil para testemunhar o humanismo solidário. Para tanto, estimulamos a sistematização do conhecimento e a publicação dessas reflexões em veículos acadêmicos e comunitários.
64. O *eixo Socioeducativo* consiste na dimensão transformadora da fé. De fato, a fé sem obras é morta (cf. Tg 2,17), e o amor é dinâmico e vai ao encontro do outro. A vivência deste eixo leva a uma sensibilização às realidades de vulnerabilidade e ajuda a formação universitária a ter uma

<sup>61</sup> E.G. 41

<sup>62</sup> *Semina Verbi*

dimensão de responsabilidade ética, inerente a toda profissão. Na dinâmica deste eixo, que nasce do encontro com Cristo, busca-se estimular o voluntariado como atitude de consciência humanitária, fraternidade e responsabilidade social. O eixo socioeducativo deve ter um olhar tanto para a necessidade do outro que está marginalizado fora da universidade, mas também para os que estão dentro dela e sofrem diversos tipos de exclusão. Numa ação evangelizadora socioeducativa, é importante evitar a prática de ações fragmentadas, mas antes, estimular uma cultura de rede em vista do combate dos males sociais; promovendo a cultura da corresponsabilidade e cooperação social. Sendo um fruto da espiritualidade e a reflexão, o eixo Socioeducativo constitui uma oportunidade de aplicabilidade do Ensino Social da Igreja, de maneira particular o compromisso com a casa comum.

65. No eixo *Socioeducativo*, é importante partir de um mapeamento dos problemas sociais internos e externos mais urgentes, buscando respostas para a sua superação. As ações possíveis podem integrar ações, projetos e programas sociais que garantam impactos sociais esperados em prol da melhoria da comunidade local. Essas atividades integram as relações de ensino e pesquisa entre as diferentes áreas do saber, envolvendo os diversos atores universitários, valorizando o rico potencial humano e técnico, próprio desse contexto. Emergem dessas relações experiências de gestão de voluntariado, observatórios e outras tecnologias de inovação social, que promovam uma educação para a sensibilidade social. Ressaltamos o cuidado e o respeito com as comunidades envolvidas nos processos de pesquisa e extensão, de forma que seja estabelecida uma relação de ajuda e não de exploração. Além do mais, inspirados no eixo da Reflexão, consideramos essencial a participação dos professores nos comitês de ética em pesquisa com seres humanos e animais e o reconhecimento destas ações por essas instâncias.

## CAPÍTULO IV: ARTICULAÇÃO DA AÇÃO EVANGELIZADORA NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO

66. A *Comissão Episcopal Pastoral para a Cultura e a Educação* é o órgão da CNBB responsável por acompanhar pastoralmente os cristãos leigos e leigas presentes nos ambientes de cultura e saber. A Comissão atua a partir de duas linhas: formação de agentes de pastoral e articulação dos regionais. Possui quatro setores: Educação, Cultura, Universidades e Ensino Religioso. Constituem seu público alvo: educadores, comunidade universitária, professores de Ensino Religioso, agentes de pastoral, atores no mundo da cultura e da educação, pessoas de notório saber e dirigentes de empresas. A atuação da Comissão abrange os 18 regionais do país, que reúnem 277 (arqui) dioceses e 9 prelazias.
67. Em âmbito nacional, o *Setor Universidades da CNBB* fomenta a caminhada conjunta, em vista do anúncio de Jesus Cristo, de quatro grandes forças da ação evangelizadora no Ensino Superior: SU Regionais, Movimentos Eclesiais, que atuam neste âmbito, Instituições de Ensino Superior Católicas e ANEC e Paróquias e Capelarias Universitárias. O Setor atua em duas grandes linhas: formação dos agentes de pastoral e articulação da ação evangelizadora, a partir das DGAE vigentes. Além do mais, possui cinco equipes de trabalho: secretaria; comunicação; subsídios; avaliação, estatística religiosa e investigação social; e professores e profissionais consultores e colaboradores.
- a) *O Setor Universidades Regional* é uma estrutura pastoral, não jurídica. Trata-se de um desdobramento orgânico do Setor Universidades da CNBB para possibilitar a caminhada conjunta das expressões eclesiais que atuam no âmbito o Ensino Superior em todo o território nacional, em vista do anúncio de Jesus Cristo. Possui o seu cotidiano melhor apresentado na dinâmica pastoral do *Setor Universidades Diocesano*<sup>63</sup>, onde estão os diversos dispositivos pastorais presentes nas Igrejas Particulares (movimentos, novas comunidades, paróquias e capelarias universitárias e as Pastorais Universitárias das IES). No âmbito da IES, protagonizam a ação evangelizadora os diversos grupos pastorais, entre eles a *Pastoral Universitária*. Estes grupos cumprem a sua missão, quando fazem com que ação evangelizadora passe pelas estruturas do Ensino Superior (ensino, pesquisa e extensão), a partir dos eixos da ação evangelizadora (espiritualidade, reflexão e socioeducativo). As forças da ação evangelizadora presentes nas IES devem atuar em comunhão com o coordenador/bispo diocesano.
- b) As *IES Católicas* constituem um importante dispositivo pastoral dentro de uma Igreja Particular / Regional. “A Universidade ou a Faculdade é uma comunidade de estudo, de investigação e de formação que trabalha de modo institucional para alcançar os fins estipulados, em conformidade aos princípios da missão evangelizadora da Igreja”<sup>64</sup>. Em muitas IES, a Pastoral Universitária se materializa na instituição em distintos lugares como pró-reitorias, departamentos, setores, núcleos e programas acadêmicos. Em virtude da sua natureza, em todos os casos, deve ser entendida de modo transversal e integrador dos setores de uma IES Católica. É muito importante que o órgão da Pastoral Universitária esteja em profunda relação com a gestão da IES Católica, para subsidiar a governança da instituição no cumprimento da sua missão e confessionalidade. Muitas IES Católicas já participam da Associação Nacional para Educação Católica (ANEC). Ela foi criada pela CNBB, em 2007, a fim de fortalecer a atuação das Escolas e IES Católicas, jurídica e politicamente, junto ao Governo Brasileiro.

---

<sup>63</sup> As Pastorais Universitárias das (arqui) Dioceses por possuírem um caráter integrador das diversas forças da ação evangelizadora assumem o nome de Setor Universidades Diocesano. A nomenclatura de Pastoral Universitária permanece para o grupo com atuação em uma IES, que não possui vínculo institucional com os movimentos, congregações e comunidades novas.

<sup>64</sup> VG, 11

- c) As *Paróquias e Capelarias Universitárias* formam as comunidades cristãs ambientais dentro das Instituições de Ensino Superior. Sabemos que este dispositivo pastoral possui uma dinâmica diversa das comunidades cristãs territoriais. Essas comunidades ambientais possuem o cotidiano condicionado pelas demandas da universidade. Neste contexto, caracterizam-se pela diversidade dos seus membros (estudantes, professores e funcionários de Ensino Superior), pela adequação das atividades/celebrações aos horários de aula, pelo funcionamento de acordo aos calendários acadêmicos e litúrgicos. Observamos que muitos membros da universidade fazem a sua iniciação cristã nessas comunidades cristãs ambientais universitárias. É importante exercitar a acolhida das pessoas que estão afastadas da Igreja ou impossibilitadas de acessar os sacramentos na perspectiva da gradualidade pastoral, até que estejam em condições de participar plenamente deles. Pontuamos, ainda que, as comunidades tenham a vida sacramental sem descuidar do aspecto ambiental, fazendo com que ação evangelizadora passe pelas estruturas da IES (ensino, pesquisa e extensão).
- d) Os *Movimentos, Comunidades Novas e Congregações Religiosas*<sup>65</sup> contribuem com ação evangelizadora no Ensino Superior, vivendo a identidade do seu carisma e buscando a comunhão com as outras expressões eclesiais, a partir do Setor Universidades Diocesano, unido ao bispo diocesano. A vivência de diálogo e comunhão destas forças pastorais, em vista do anúncio de Jesus Cristo no âmbito do Ensino Superior, concretizam a caminhada sinodal, proposta pelo Papa Francisco: “Igreja e Sínodo são sinônimos. (...) O futuro da Igreja passa pela Sinodalidade”<sup>66</sup>.

#### **a) Os agentes da ação evangelizadora**

73. O primeiro agente da ação evangelizadora é o Espírito Santo, que anima e conduz a missão da Igreja, renovando as mentalidades e estruturas. São os agentes da ação evangelizadora no âmbito do Ensino Superior os membros da comunidade universitária (estudantes, professores e funcionários) que tiveram a alegria do encontro com Jesus Cristo Ressuscitado. Os discípulos missionários no âmbito universitário fecundam, por dentro, as estruturas acadêmicas (ensino, pesquisa e extensão) através do testemunho dos valores do Reino. Também são agentes da ação evangelizadora do Ensino Superior, nas instâncias regionais, diocesanas e IES: os coordenadores leigos e leigas, os religiosos e as religiosas, os diáconos, os padres e os bispos, designados para tanto. Observamos que o processo para escolha destes coordenadores e ou assistentes eclesiais deve ser acompanhado pela autoridade eclesial competente, de acordo ao nível / cenário de atuação assumido. Na sequência, apresentamos alguns critérios para escolha dos coordenadores nos diferentes cenários da ação evangelizadora.

- a) É importante que o *coordenador da Pastoral Universitária, Grupos e Movimentos dentro de uma IES* sejam um dos atores do Ensino Superior (estudante, professor ou funcionário), com capacidade para a caminhada conjunta com as expressões eclesiais, para o diálogo da fé cristã com a razão/cultura e sensível diante dos dramas humanos, vivenciados pela comunidade universitária, que seja uma pessoa que esteja em contato com o coordenador / assistente diocesano.
- b) No *Setor Universidades (Arqui)Diocesano*, é importante que o coordenador e assistente eclesial entendam bem a dinâmica do Ensino Superior e sua estrutura (ensino, pesquisa e extensão), que acompanhe o Plano de Pastoral Diocesano, e tente aterrissá-lo no contexto da ação evangelizadora nas IES, que seja uma pessoa de leitura e estudo sobre os temas de diálogo da Igreja com a sociedade, que respeite a diversidade eclesial presente no âmbito

---

<sup>65</sup> No referimos às Congregações Religiosas que tem atuação pastoral no ambiente universitário que não são mantenedoras de IES.

<sup>66</sup> Inserir linha de comunhão da CNBB, doc. 107; Verificar citação do Papa Francisco sobre Sinodalidade no Discurso por ocasião dos 50 anos da Instituição do Sínodo dos Bispos.

universitário e esteja disposta à caminhada conjunta com as diversas forças evangelizadora, que esteja em comunhão com o bispo diocesano e em contato com o coordenador do *Setor Universidades Regional*. É importante que o coordenador / assistente eclesial seja nomeado pelo bispo local para ser a pessoa diocesana autorizada neste trabalho.

- c) No *Setor Universidades Regional*, o assistente ou equipe de coordenação deve conhecer o Ensino Superior no(s) estado(s) presentes em seu território de abrangência, acompanhando os sentidos e estudos do Ensino Superior locais; estar disposto a acompanhar os coordenadores diocesanos do Setor Universidades; facilitar a comunicação com as expressões e instâncias eclesiais; aplicar as orientações e documentos da Igreja (CNBB, CELAM e Santa Sé) na sua realidade pastoral; ser uma pessoa que respeite a diversidade eclesial presente no âmbito universitário e esteja disposta à caminhada conjunta com as diversas forças evangelizadora; estar em comunhão e contato com o Bispo Referencial regional e o Setor Universidades nacional; participa anualmente do Encontro Nacional de Colaboradores do Setor Universidades da CNBB.
- d) Sabemos que a pastoral acontece ao redor do pastor. O *Bispo Referencial do Setor Universidades Regional* representa a colegialidade regional dos bispos no âmbito universitário. Muitos regionais costumam ter um bispo referencial para os quatro setores da comissão. O bispo referencial regional é aquele que anima as coordenações diocesanas, orienta os bispos na criação e fortalecimento do Setor Universidades Diocesano, acompanha o processo de nomeação dos assessores / equipe regional, promove os encontros regionais de formação dos coordenadores diocesanos, acompanha a elaboração de um projeto pastoral, que fomente a comunhão e articulação nas dioceses, participa do Encontro dos Bispos Referenciais Regionais da Comissão Episcopal Pastoral para Cultura e Educação.

## **b) Critérios para a ação evangelizadora nos seus diferentes cenários**

74. Os *cenários da ação evangelizadora* possui diferentes dinâmicas e estruturas de funcionamento. A natureza de cada cenário exigirá diferentes formas de aproximação e atuação, a fim de que se torne mais eficaz o anúncio de Jesus Cristo. Estes cenários são as IES, as Dioceses e os Regionais da CNBB. No nível das IES, observamos os critérios da *imersão* e *interdisciplinaridade*. No nível das Dioceses, apresentamos os critérios de *sinodalidade* e *subsidiariedade*. No nível dos Regionais da CNBB, perfilam como critérios a *formação* e a *articulação*. Na sequência, aprofundaremos estes elementos para o discernimento pastoral de acordo ao cenário em que é desenvolvida a ação evangelizadora universitária.

- a) O *cenário das IES* é o ambiente onde o cotidiano da ação evangelizadora universitária é melhor apresentado. Este cenário é estruturado pelo ensino, pesquisa e extensão, e os seus principais atores são os universitários, professores e funcionários de Ensino Superior. Neste cenário é imprescindível fazer a experiência da *imersão* da ação evangelizadora nas estruturas acadêmicas, de modo que, a reflexão e promoção da pessoa humana à luz da fé cristã se transforme em atividades de extensão, conteúdo curricular, grupos de estudo e pesquisa, programas acadêmicos, entre outros. Outro critério importante é a *interdisciplinaridade* ou *mediação*<sup>67</sup>, por meio da qual será possível oferecer a contribuição da reflexão cristã na resolução dos problemas da pessoa humana, da cidade e do conhecimento. Os critérios contribuirão na qualificação das comunidades cristãs universitárias ambientais, que não podem permanecer restrita à grupo seleto de cristãos, mas devem-se abrir à diversidade social, cultural e eclesial, presente no ambiente acadêmico. Os mesmos critérios aplicam-se ao desenvolvimento das ações comunitárias.
- b) O cenário das (arqui)dioceses coloca em relevo os diversos dispositivos da ação

---

<sup>67</sup> LS 143 e AL 229

evangelizadora no Ensino Superior, quais sejam, grupos de Pastoral Universitária, grupos dos Movimentos, setor universitário das Comunidades Novas, Escolas de Comunidade, Paróquias e Capelarias Universitárias, IES Católicas, Núcleos de Fé e Cultura, Núcleos Paroquiais de Pastoral Universitária. Estas forças da ação evangelizadora se distribuem nas inúmeras Instituições de Ensino Superior presentes na geografia eclesial (arqui)diocesana. Neste cenário, os atores são os representantes dos grupos de base, das expressões eclesiais, pastoralistas das IES Católicas, capelães universitários, que quase sempre são membros das IES. Em virtude desta diversidade eclesial, devem ser adotados os critérios da *sinodalidade*<sup>68</sup>, para estimular a caminhada conjunta das diversas expressões eclesiais presentes neste âmbito, e o critério da *subsidiariedade*<sup>69</sup>, pelo qual não se deve suplantiar as iniciativas, a liberdade e a responsabilidade dos grupos eclesiais dentro das IES. Ao mesmo tempo, é importante ter a sensibilidade para perceber que nas IES onde não existem expressões eclesiais atuantes, que estejam começando ou que possuem dificuldades, deve-se desenvolver um trabalho de apoio e desenvolvimento dessas iniciativas. Neste cenário mais amplo, podem ser realizados projetos pastorais interinstitucionais, seminários em torno de questões da atualidade, discussões ampliadas, atividades missionárias e momentos comuns de espiritualidade.

- c) No *cenário regional* estão presentes os Setores Universitários Diocesanos. Compõem os atores deste cenário o bispo referencial, os assistentes eclesiásticos, os coordenadores diocesanos do Setor Universidades, os representantes estaduais dos movimentos e representantes dos pastoralistas de IES Católicas/ANEC com atuação em mais de uma Igreja Particular. Neste cenário se desdobra a organicidade do Setor Universidades nacional. Seus critérios de atuação são a *formação* dos agentes diocesanos / dispositivos estaduais e a *articulação* da ação evangelizadora, a partir das DGAE nacionais vigentes. Nesse cenário, acontecem as seguintes atividades: congressos regionais / provinciais, assessoria de pastoral às dioceses, cursos para agentes, encontros de articulação e formação com os coordenadores diocesanos.

---

<sup>68</sup> EG 31 – 32

<sup>69</sup> DSI 185 – 191